



Minha relação com Deus no trabalho...¹

Ir. Lucile

francesa, que vive e trabalha em Marrocos.
Ela abre para nós as “portas” de sua vida de oração.

Eu trabalho, há cinco anos, no hospital público de Fès, que fica bem perto de nossa casa, como enfermeira na pediatria. Sou a única estrangeira e, é claro, também a única cristã, sendo meus colegas todos muçulmanos. Sou responsável, com outra colega, pelo atendimento na sala de neonatologia, onde há algumas incubadoras para os recém-nascidos e, pela sala de reanimação, onde temos oito lugares para crianças um pouco maiores. Meu trabalho é bastante ativo, em geral estou muito ocupada, e algumas vezes sobrecarregada... Sempre me pedem algo... Não encontro espaço para um pouco de silêncio no fundo de meu coração. Então, é sobretudo Deus que me vem visitar...

A primeira porta que Ele gosta de me abrir, a cada manhã, é a da vulnerabilidade de todas as criancinhas. Elas se abandonam confiantes aos nossos cuidados, desde o momento em que percebem um pouco de bondade. E isso mexe comigo. Minhas colegas têm toda razão de pensar que todos os bebês são protegidos pelos anjos. Basta que eu olhe para eles, quando estão dormindo pacificamente, para sentir uma paz profunda. Eles possuem o dom de despertar no fundo de nossos corações a criança que nunca está muito distante, a criança em toda a sua beleza, confiança, delicaza, ternura...

Seria tão bonito ficar por aqui. Mas, todos esses berços estão em um hospital. Assim, a *segunda porta* de Deus é a do combate e da impotência... Os pequeninos estão ameaçados. Algumas vezes, em perigo de morte... Por detrás da delicadeza, rapidamente descobri uma prodigiosa força de vida que os faz lutar até o extremo, contra a morte. Eles nos treinam para este combate... Eles têm necessidade tanto de presença quanto de cuidados, senão por que, por quem lutar? É então que vivo os momentos mais fortes. Minhas maiores alegrias acontecem quando sinto que a vida vence. O confronto radical com minha debilidade perante seu sofrimento, ou mesmo, às vezes, sua morte. Para não falar da dor das mães. Eu preciso aprender a ficar lá, muitas vezes misturando minhas lágrimas às delas... Descubro, então, que Deus chegou lá antes de mim, estando infinitamente presente no vazio de nossas dores. Eu apenas empresto a Ele as minhas mãos e o meu coração...

¹ Artigo publicado no Informativo *Nouvelles des Fraternités*, 2019, das Irmãzinhas de Jesus (que vivem a espiritualidade de Charles de Foucauld), p. 20-22. Tradução do original, em língua francesa, por Frei André Luís Tavares, OP.



Gostaria de ficar por aqui... Mas, o hospital, onde estão esses berços, também está doente... A *terceira porta* de Deus é aquela da aceitação do real. Esta porta é bem estreita, pois a realidade muitas vezes é rude, com os poucos meios materiais, a pouca motivação e a pouca consciência profissional de certo número de meus colegas, além do flagelo da corrupção... Aqui, também, estou perante um combate que está para além de minhas forças... Levei muito tempo para compreender que se trata do combate do Amor. É muito fácil revoltar-se... Mas é algo totalmente ineficaz... Este combate ocorre, primeiramente, em meu próprio coração. Toco muito rápido os limites da minha paciência e do meu cansaço. E é difícil renunciar a meus sonhos de trabalho bem organizado, com uma equipe unida e motivada... Também aprendi que estes sonhos são ineficazes... Precisei de muito tempo para compreender que o Amor não precisa de perfeição para abrir caminhos. Basta uma pequena portinha, aquela do nosso “sim”... Então, quando digo “sim” ao dia-a-dia real, tal como ele se apresenta, descubro-me comprometida em um combate muito mais humilde. É o combate para assegurar os tratamentos, apesar de tudo o que falta... É o combate para colocar no centro as criancinhas e recusar fazer diferenças entre elas...

O que é impressionante é que esta porta leva a um caminho de comunhão. Na medida em que aceito esta difícil realidade cotidiana, meus olhos se abrem e vejo que não estou sozinha. Claro, Deus está presente. Mas ousa dizer, não só Ele. Há sempre aqueles que tentam habitar esta realidade de coração aberto, e que fazem os pequenos gestos que lhes são possíveis. O milagre do cotidiano é que isso basta para tornar este mundo mais habitável...

Há uma *quarta porta*, aquela da compaixão... Acredito ser aquela que Deus prefere. Ela é bonita e ampla, abrindo um grande horizonte, e meu coração é ainda muito estreito para passar por ela plenamente. Mas penso que seja lá que Deus me espera, de braços bem abertos, para enfim me ensinar a olhar o outro como um irmão, uma irmã que, ele ou ela, tanto precisa, também, da minha bondade!...